

Batalhão 14 de julho

Comemoração do Movimento Paulista de 1932

José Amando de Queiroz Telles

Euclides Bueno Miragaia, Márcio Martins de Almeida, Dráusio Marcondes de Souza, Antonio Américo de Camargo Andrade: esses foram os primeiros heróis que caíram na noite de 23 de maio de 1932 na via pública do coração da capital paulista, cujos nomes foram tomados para a sigla MMDC, que se tornou o símbolo do movimento do glorioso 9 de julho de 1932. Tal sigla foi colocada ao lado da divisa do brasão de São Paulo, como o símbolo e propósito do levante armado *Pró-Brasília Fiant Eximia*, significando: pelo Brasil reintegrado no regime da Lei e da Ordem. E, para tanto, era válido todo orifício e até mesmo o sacrifício da própria vida...

Já pouco antes, Hibraim Nobre, o verbo da revolta, lamentara angustiado:

*Minha terra: minha pobre terra! Seria desfeita, dessa mesma
brasilidade: que deste, numa permanente renúncia,
as mãos, o ouro, o sangue!
Tu foste o amigo.
O melhor irmão!*

*Foste para o Brasil, em todas as suas horas,
O clarim! A clareira! O clarão!*

E conclamara épico, um grito histórico:
a voz dos nossos mortos se levanta!

Em cada crânio, em cada arcabouço já desfeito, em cada tibia que fraqueja, há uma assembléia ululando para a causa, conclamando a nossa alma para a luta!

Chegou 23 de maio. Na véspera, centenas de milhares de panfletos foram distribuídos profusamente:

Paulistas! Mais uma vez o ministro Osvaldo Aranha, como enviado especial do ditador, vem a São Paulo com o intuito de arrebatá-lo o povo paulista de escolher os seus governantes. Mas o povo paulista, cuja paciência não é ilimitada, não mais suportará tamanha afronta e humilhação...



Tendo a consciência do seu valor e da sua força, ele repele e indeleita a enfurecida intromissão na sua política, daqueles que estão conduzindo São Paulo e o Brasil à ruína total e à desonra.

Para manifestar e impor a sua vontade, na reivindicação dos seus direitos e das suas liberdades, o povo de São Paulo reunir-se-á, hoje, domingo, às 15 horas, na Praça do Patriarca, em comício, e decidirá, então, dos seus destinos dentro da comunhão nacional...

O manifesto:

*É chegada a hora da liberdade e da vitória!
Eis pois, a hora da liberdade e da vitória.*

A comissão.

Era a mobilização cívica do povo para protestar e reagir contra as manobras do ditador, que pretendia manter agentes de sua confiança no secretariado do governo do interventor paulista: essa imposição era degradante e inaceitável aos brios da gente de Piratininga, que de há muito vinha sendo tratada como filho enjeitado da federação e cuja terra fora ocupada como se fosse praça inimiga. Os brasileiros de São Paulo já haviam sorvido todo o fel do cálice de amargura...

Na praça que tem o nome do *Pater Patrial* e da Nação, do criador do Estado brasileiro, José Bonifácio, o povo tomou

a decisão histórica. E marchou numa coluna granítica, ombro a ombro, mãos dadas, para interpelar seus irmãos das armas. Estavam eles, Exército e Força Pública, pelo Brasil com uma Constituição? Pela Lei com a Pátria comum? Por São Paulo com autonomia respeitada?

Nos dois quartéis-generais, o da Força Pública e o da Segunda Região Militar, na Rua Conselheiro Crispiniano, a família fundada por Rafael Tobias de Aguiar, baluarte da lei e guardião da ordem que São Paulo mobilizara para a Nação na Guerra do Paraguai, na Revolução de 1893, na campanha de Canudos, nos levantes de 1922, 1924 e 1930. No velho quartel da Avenida Tiradentes, as conferências sucederam entre os líderes improvisados, a massa de manifestante e os militares de ambas as corporações...

Enquanto isso, o povo, curioso e inquieto, mas firme em sua decisão, não arredava o pé. Até que veio a palavra da tranquilidade. Porém, o dia 23 ainda não findara... Continuava noite adentro até uma solução definitiva. E o destino final da marcha seria o Palácio dos Campos Elíseos, sede do governo estadual. Lá se deveria ouvir a palavra do interventor Pedro de Toledo, para saber quais as suas intenções naquela conjuntura. Pedro de Toledo, depois de uma longa vida dedicada à política e à diplomacia, fora o escolhido para dirigir São Paulo. Com essa escolha, a ditadura buscava a solução reclamada pelo povo paulista. Apesar de tudo, na verdade, Pedro de Toledo havia sido recebido com reserva. O povo reclamava a presença e a palavra do interventor. O seu ajudante de ordens, ante a ousada invasão do Palácio, mobilizara a

guarda. Pedro de Toledo, no entanto, inteirado do propósito da gente que ali havia chegado, correspondeu ao *Viva São Paulo* e desmobilizou os soldados. No coração do governante paulista, a paciência do velho diplomata, o cerne da raça e a voz do sangue fizeram com que Pedro de Toledo penetrasse

na História. Ele selou o seu destino: pôs-se, sem vacilação, à frente do glorioso movimento do povo paulista e, bem por isso, tornou-se o seu líder incontestado. Paulistas, filhos de outros estados e até imigrantes criaram uma legião estrangeira para a luta armada levantada em São Paulo, com manifestações em outras regiões: Paraná, Mato Grosso, Brasília, Maranhão, Rio de Janeiro, entre outras.

Assim foi a luta paulista, que ficou inscrita em nossa história. Até hoje, é relembrada e comemorada a memória dos “que dobraram a página da vida e partiram para morrer” *Pró-São Paulo Fiant Eximia*.



José Amando de Queiroz Telles
é Herói da Revolução Constitucionalista de 1932

Avicena

Alexandre Campos Moraes Amato

Em árabe, ‘Abu ‘Ali al-Hussain ibn ‘Abd Allah ibn al-Hassan ibn ‘Ali ibn Sina, conhecido no Ocidente como Avicena, filósofo (nascido próximo a Bokhara em 980 e falecido em Hamadan, na Pérsia, em 1037), até hoje é considerado um dos maiores pensadores do islamismo, conhecido como o Filósofo dos Árabes. Homem de grande cultura, especializou-se na área médica. Com somente 16 anos, havia estudado medicina, e sua competência era evidente. Com 18 anos, tratou e curou o príncipe Nuh ibn Mansur, após diversas tentativas de outros médicos. Ganhando confiança, proteção política e simpatia, os príncipes de Buhara liberaram a Avicena o acesso à biblioteca dos governadores Samânidas, o santuário do saber árabe na época. Foi médico, jurista, professor e ocupou cargos políticos. Escreveu cerca de 200 obras, sendo a mais importante o *Livro da Cura*. Suas obras foram muito utilizadas na Idade Média. Com 21 anos, completou a enciclopédia *al-Qanun*, ou Cânone, mais considerada no seu tempo que a obra de Razés (*al-Razî*), ou de Galeno. Por séculos (até meados dos Setecentos), sua obra foi estudada e traduzida por mestres, médicos e estudantes, inclusive cristãos.



Alexandre Campos Moraes Amato
é R2 de Cirurgia Geral

O médico e os presidiários acredite se quiser

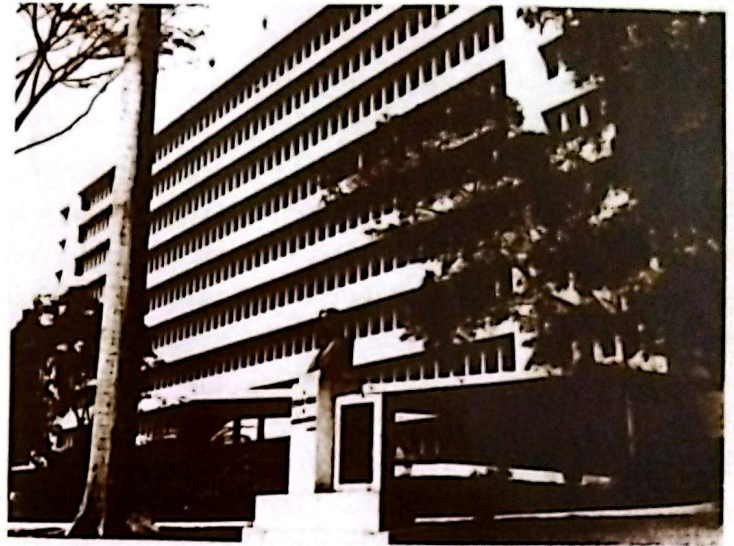
Hospital de Isolamento Emilio Ribas, transição das décadas de 1940-1950, século passado. Enfermarias dispostas nos pavilhões distantes, reproduzindo os lazaretos europeus... Por ali, transitavam mestres e instrutores de ensino das duas escolas médicas – a Paulista, a Pinheiros – acompanhados por seus alunos: Pereira Barretto Neto, Celestino Bourroul, Oscar Monteiro de Barros, João Alves Meira, Jair Xavier Guimarães, José Maria Ferreira, o acadêmico-monitor de então, Vicente Amato Neto. À época, a prisão não dispunha de leitos de especialidade nem de pessoal treinado. A transferência de presos era freqüente; foi quando adquiri alguma experiência em assistir presidiários. Lembro-me, em detalhes, do caso dramático de hidrofobia – cujo período de incubação ultrapassara um ano e meio – do prisioneiro do Carandiru. Atendi ocorrências de leptospirose – uma, a do recluso que criava ratazana na cela. Em outros tantos casos, estavam em cena a febre tifóide, a meningite...

Da prática, ficou evidente que o condenado pela justiça – ainda que temível –, surpreendido pela própria fragilização, desistia da luta. E o medo do contágio não era menor por parte dos policiais destacados para a guarda. Porém, o relacionamento entre o médico e os presos transferidos nunca foi distinto daquele com os demais doentes. Naturalmente, hoje, medidas adicionais seriam tomadas em decorrência da ousadia das quadrilhas ao violentar instituições hospitalares, para a libertação do capanga, para a ação do justiceiro ou para subtração de medicamento controlado. Mero plágio da Chicago de Al Capone!

Mas, no modelo de convivência ocasional, quase sempre está suposto o esculápio acudindo ao recluso. O inverso terá precedente? Contarei o episódio raro, de que foi protagonista o patrono do hospital mencionado acima. Ocorreu durante a epidemia de febre amarela que assolou Jaú, em 1895 (descrito na poliantéia do centenário dessa cidade, em 1954, pelo *Correio do Noroeste*, de Bauru). A lavoura transformara o burgo no empório cafeeiro, rico e aristocrático; uma parte da população era abastada; outra, pobre e inculta. Pois bem, o alarme pelo evento epidêmico levou os poderosos a abandonarem a cidade, que restou, sem autoridades, à mercê de grupos de arruaceiros.

Emilio Ribas, inspetor sanitário, deslocou-se para a região e enveredou esforços para controlar a epidemia. À ocasião, tomou conhecimento da existência de um hospital clandestino que admitia os amarílicos e tirava proveito da situação; seu proprietário era um curandeiro que, além de pregar crendices e praticar abusos, contrapunha-se às medidas preventivas preconizadas pelo higienista. Isso sucedia quando Jaú dispunha, desde 1894, de um hospital para isolamento, a três quilômetros da cidade, construído durante o governo de Bernardino de Campos.

Arary da Cruz Tiriba



Dr. Emilio Ribas diligenciou imediatamente. Retirou todos os doentes do simulacro de hospital, transferindo-os para o público. Magotes, da população remanescente, reagiram e anunciaram a marcha para fechar a instituição e subtrair os doentes sob assistência. Emilio, que não dispunha de qualquer apoio, dirigiu-se à cadeia pública e, exortando os prisioneiros, pediu-lhes a colaboração; não garantiu, mas acenou com a possível redução de pena. E armou-os com os velhos fuzis que encontrou. Quando os baderneiros chegaram diante do hospital, depararam com a inusitada segurança armada e recuaram. Serenados os ânimos, os presos – alguns, facínoras na extensa região caudatária de Jaú – retornaram às celas e depuseram o armamento. Estavam fascinados pela disposição daquele médico, na casa dos 30 anos, sábio, resoluto, de grande força moral. Assim era Emilio Marcondes Ribas.

Arary da Cruz Tiriba

é médico sanitarista, infectologista e professor titular (aposentado, em atuação voluntária) da UNIFESP/EPM



A outra face da história dos charlatões

Oswaldo Lacreta

“Podemos enganar todos certo tempo e poucos sempre, mas não iludimos eternamente a humanidade”

A. Lincoln (1809-1865)

Os médicos em geral ignoram a etimologia do vocábulo *charlatão*. Os dicionários atribuem-lhe proveniência italiana *ciarlatano*, conforme está no Aurélio, mas é engano. Seu berço é mais romântico, nasceu na nobre França, segundo se depara no *Dicionário Universal das Curiosidades*, de Costa e Silva.

Em Paris, havia um curandeiro muito esperto chamado Latan, que, para atrair clientes, andava de carro, cheio de remédios, puxado por um cavalo e, assim, circulava pela capital da França, enquanto os outros colegas andavam a pé. Por isso, logo ganhou a simpatia dos parisienses. O veículo mal apontava e o povo exclamava: “*Voilà le char de Latan*”. Passado algum tempo, a manifestação encurtou-se e então, à sua chegada, os transeuntes diziam apenas “*Le char Latan*” e, posteriormente, *charlatan*, na língua portuguesa charlatão, com o sentido de impingir curas e remédios.

O francês Leonardo Minty, em livro de 1932, definiu assim o milagreiro: “geralmente é pessoa de instrução rudimentar, desempregada e, para ganhar a vida, tira benefícios da imbecilidade humana”, enquanto Chereau, em seu *Dicionário de Ciências Médicas*, qualificou o aventureiro com as palavras: “promete o que não tem, inculca nos outros o que não acredita; enfim, tudo aquilo que o destilador de mentiras especula a respeito da credulidade e ignorância humana”. Os italianos não deixaram por menos e qualificavam os *nostradamos* deste modo:

“com termos artificiais procuram trocar o falso pelo verdadeiro, tirando proveito da credibilidade alheia”. Esses conceitos delineiam o fator primacial, que é a especulação sobre as crenças do homem. Destilar a mentira, consoante Chereau aduziu, é torná-la mais eficiente, mais penetrante. Nas ruas da cidade de São Paulo, eu conheci camelô que iniciava seus pequenos sortilégios com as palavras: “*exatis desapareatis, tudo faz bola, tudo faz bolatis...*”; outro, que se intitulava descendente de pajés do Xingu, prescrevia em praça pública o óleo do peixe elétrico.

O século XVIII foi o dos charlatões, entre os quais pontificaram: José Balsamo, cujo nome verdadeiro era Cagliostro, Taylor, Vitali, Thurneisser, van Helmont, Tabarin e Eisenbarth. Eram italianos, ingleses, franceses, alemães e suíços: a fina flor dos países europeus.

Até o advento das escolas médicas, que davam aos formados o direito exclusivo de exercer a medicina, muitos pacientes preferiam os pitônicos. Esse conceito vigorou em quase todos os países europeus, menos na Inglaterra e na Alemanha, onde os artemágicos tinham o mesmo prestígio dos verdadeiros doutores, apesar da alta medicina que esses países desenvolviam.

Na Grã-Bretanha, por tradição secular, reinava igualdade entre clínicos e feiticeiros e, na Alemanha, ocorreu o mesmo até 1869. Por que essas duas nações, as mais avançadas na ciência de Hipó-

crates, ignoravam o perigo do exercício da arte de Esculápio por profanos? Na Alemanha, em 1869, a Sociedade de Medicina de Berlim apresentou petição para reclamar do exercício ilegal da medicina. Entre os signatários, estava o grande Virchow, criador da patologia celular. Os peticionários achavam que as



leis contra os falsos médicos eram ineficazes. Felizmente, encetava-se o liberalismo, sendo Wirchov um dos chefes do partido liberal. Em outras palavras, o Estado não podia monopolizar a saúde das pessoas e ter o privilégio de sanar os doentes, além de limitar ao cidadão comum o direito de procurar conselhos e ajuda onde achasse melhor. Posteriormente, em 1900, ambos os países passaram a imputar penas para os mesmerianos e depois se determinou que atestados de óbito, de saúde e de vacinação só poderiam ser feitos por médicos. O mesmo ocorreu na França e Rússia em 1925.

Apesar disso, pululavam na Suíça, Espanha, Suécia e nos Estados Unidos os carimbambas. Consultando as estatísti-

cas a respeito do número de médicos em diversos países, ficamos surpresos. Segundo publicações oficiais, em 1876, havia na Alemanha 670 oculistas e, em 1930, 13.000, dos quais 3.000 mulheres, isto é, 27 mediqueiros para 100 terapistas. Nos Estados Unidos, contavam-se, no mesmo ano, em população de 120 milhões, 36.000, proporção quase igual à da Alemanha. Consoante revista americana, os imigrantes chineses eram herbistas. Eles receitavam sapos secos contra as nefropatias, pele de leão e de tigre nas cardiopatias. Esses dados são anteriores à Segunda Guerra Mundial.

É muito instrutivo anotar os proveitos dos pseudomédicos. Um pastor na Alemanha, apelidado Ast, ganhava 120.000 marcos por ano; Buchholz desvendava enfermidades ao examinar os cabelos dos pacientes e embolsava, por dia, 200 marcos; o berlinense Jacobi teve, em oito meses, 2.570 clientes; outro atendia, diariamente, cerca de 200 pacientes.

Nos Estados Unidos, os exorcistas faturavam 125 milhões de dólares, representando uma média de 3.500 dólares por pessoa, enquanto a média anual de cada médico era de 4.000 dólares.

Qual o perfil dos pacientes que confiavam a vida e saúde aos matarões? Tem-se apurado que nem sempre eram pessoas ignorantes, apenas deixavam predominar o sentimento humano, que sempre deve ser respeitado. Qualquer mãe em desespero, ao ver o filho doente e não conseguindo a cura por meio habitual, apela para os raizeiros. Rasputin foi o impostor a quem o filho do czar Alexandre II recorria. A rainha da Holanda, país altamente civilizado, em pleno século XX, socorria-se de uma charlatona para curar a doença dos olhos do filho. Ela justificava-se, com razão, alegando que os médicos mal olhavam para o menino, receitavam e afastavam-se friamente, ao

passo que a amiga mimava e brincava com o filho e dizia à mãe palavras de conforto.

Na grande Alemanha, E. Liek, emérito historiador da medicina, apurou a presença, nos consultórios de videntes, de pessoas da alta sociedade: chefes de Estado, juristas famosos, engenheiros, industriais, banqueiros e até médicos da velha guarda.

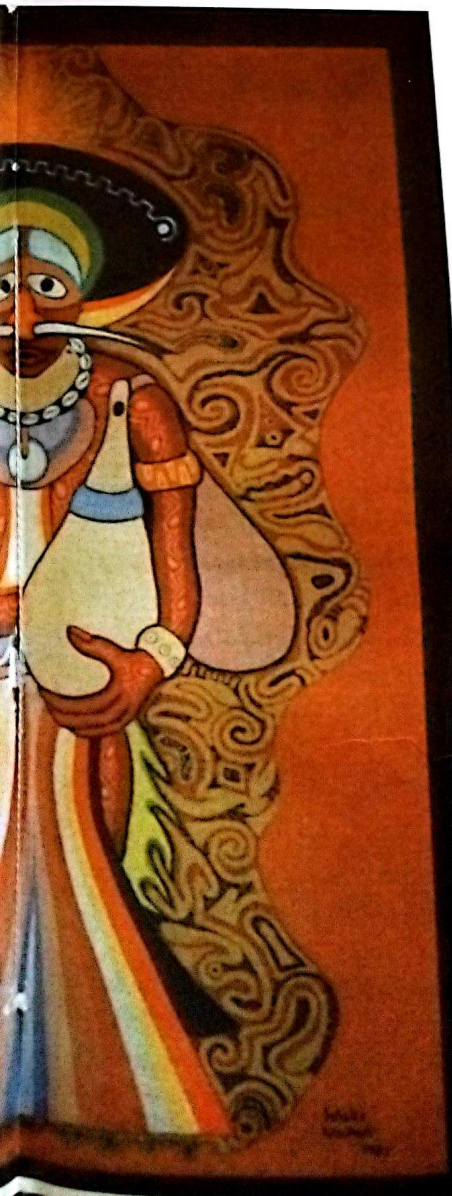
Pirro, rei do Epiro, curava apenas com o toque das mãos, conforme relatos de Plínio, e assim faziam os imperadores Vespasiano e Adriano. Os reis da França e da Inglaterra disputavam a primazia como trapaceiros. Por exemplo, o rei Carlos VII tocava doentes ajoelhados, dizendo: "o rei te acalenta e Deus te cura". Filipe de Vallois dedilhou 1.500 pessoas em uma cerimônia, e Luiz XVI, 2.400, no dia de sua coroação. Um certo Leon, também na França, orgulhava-se de ter espelho que refletia a imagem da vida e morte de quem o olhasse! Em pleno século XX, em São Paulo, um pajé tratava algumas doenças com baba de sapo inchado.

Ainda hoje os danos causados pelos médicos-barbeiros são graves. Os doentes, às vezes, sofrem por tempo maior que o necessário, deixam passar o tempo oportuno para começar tratamento racional, além de prejudicar a saúde ao empregar drogas inadequadas e procedimentos errôneos.

Alguém pode pensar que os médicos combatem o charlatanismo apenas para defender interesses da classe. Cumpre, então, recordar as palavras de Brouardel, impressas em 1880: "Se os médicos sofrem com os aventureiros, com estes morrem os enfermos".

◆ Gravura de Charlatão da Nova Guiné

Oswaldo Lacreta
é médico aposentado



A estranha doença do fanático

Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak

O doutor estava no hospital em virtude de motivo nada profissional. Ele foi para lá a fim de, com colegas, em sala de repouso, presenciar pela televisão jogo de futebol do qual participaria o clube que o tem como torcedor ferrenho. Contudo, num determinado momento, um médico-residente que se encontrava no pronto-socorro exercendo plantão veio pedir ajuda. Disse que chegara para atendimento um jovem acometido por distúrbios muitos extravagantes e heterogêneos, sendo que febre de 41 °C fazia parte do conjunto. O infectologista do setor de emergências, confuso, decidiu recorrer ao doutor, que, por coincidência, encontrava-se no local e era considerado competente, além de habilidoso para desvendar a natureza de doenças febris problemáticas.

Aquele dia não evoluía bem para o doutor. O seu time de preferência perdia naquele instante e, mesmo sem ter obrigação formal, mas impulsionado por espírito de solidariedade, cumprindo desígnio profissional elogiável, deixou de lado qualquer outro sentimento. Ainda mais, lembrou-se de que o valor de um médico não é medido pelos bens materiais que amealhou e pela condição social que alcançou, valendo acima de tudo o respeito conquistado perante os colegas.

Atendendo a convocação, o doutor começou a agir e logo deparou com um jovem pálido e suando muito, babando e tremendo. Nas oito horas anteriores, fora acometido por três crises convulsivas. Notou os olhos esbugalhados e avermelhados. Consciente, o enfermo, algo angustiado, queixou-se de visão embaçada. Acusou dor na cabeça intensa, no baixo ventre e nos testículos. Temperatura corporal, axilar, na oca-

sião, situada em 40 °C. O conjunto, diversificado, não possibilitava a oferta de uma pista apta a estipular diagnóstico, mesmo preliminar.

Em prosseguimento, o doutor iniciou busca de dados orientadores. O exame oftalmológico, curiosamente, indicou presença de elementos móveis nos humores aquoso e vítreo, que o autor da avaliação, surpreso, não soube identificar. A análise do líquido cefalorraquidiano só concluiu pela existência de figuras nadando nele; o patologista, apesar de incrédulo, afirmou que eram espermatozóides. Nexo complementar veio quando igualmente foram visualizados na urina. Portanto, havia disseminação expressiva desse componente espermático pelo corpo.

O doutor e colegas jamais tinham visto ou tomado conhecimento de coisa igual. Aí, entrou em cena a perspicácia do maior responsável pela definição do diagnóstico: valorizou a difusão esdrúxula e enorme dessa célula móvel sexual masculina no organismo, certamente decorrente de longa produção sem escoamento. Encurralados, os espermatozóides escaparam por mecanismo alternativo e empreenderam a invasão citada. Após raciocínio rápido, o ilustrado facultativo encontrou designação justificável para a ocorrência. Nasceu, portanto, a síndrome de hipertenção seminal. Muitas pessoas sofreram ou sofrem da enfermidade em questão. Entretanto, documentação cabal só sucedeu no episódio revelado.

Impunha-se prescrever tratamento. Analgésicos e antitérmicos, administrados paliativamente, não ajudaram. Enfrentar a causa era indispensável e, mais uma vez, o doutor teve êxito. Recorreu a coluna de determinado jornal, intitua-

lada “acompanhantes” e convocou o recém-médio-idéia. Combinou o preço com a mocinha, assumiu o pagamento e deu as instruções básicas. Pediu carinho eficiente e recomendou pelo menos duas sessões rápidas. Apresentou o medicamento ao jovem e aguardou. Pouco tempo após, a marafa colaboradora surgiu e informou que o rapaz achava-se totalmente normal, não tendo mais “porra nenhuma”. O resultado, por conseguinte, de acordo com o esperado, foi espetacular, configurando em extinção cabal da crise.

Decorridas algumas horas, o doutor julgou indispensável entrevistar o ex-doente. Soube que ele não manteve relações sexuais nos últimos dez meses porque passou a fazer parte de seita religiosa que, entre outras imposições, incluía a abstinência total, proibindo ainda opções por modos aliviadores. Utilizando o crédito adquirido pela assistência vitoriosa, o doutor aconselhou o jovem a abandonar a crença maléfica. Alcançou êxito circunstancial e duradouramente.

O moço casou-se com antiga amiguinha na infância e livrou-se definitivamente do mal. Mais um fato. O doutor relatou o caso para entidade científica e, no ato, os presentes, de pé, aplaudiram-no. Afinal, caracterizar novo mal é feito incomum e memorável. O presidente da sessão, emocionado, sugeriu que o querido e competente médico fosse indicado para ganhar o Prêmio Nobel de Medicina.

Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak
são autores, médicos
e professores universitários

Nelson Guimarães Proença e a Medalha Anchieta

Guido Arturo Palomba

É uma honra muito grande saudar Nelson Guimarães Proença, o médico, o líder da classe médica, o professor de medicina, neste dia em que recebe as comendas mais importantes da cidade de São Paulo, a Medalha Anchieta e o Diploma de Gratidão.

Proença formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, na gloriosa Casa de Arnaldo, turma de 1956, e especializou-se em Dermatologia. A capacidade inata de liderança, o espírito científico, a facilidade para falar levaram-no a assumir missão de professor titular de Dermatologia da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, onde lecionou por 25 anos. Nessa instituição quadricentenária, foi chefe da Clínica Dermatológica, até completar 60 anos de idade. Nelson Proença, como professor de Medicina, teve muitos seguidores, alguns hoje professores das faculdades mais conceituadas do País. Como professor, fez discípulos.

Como médico, entre várias atividades, dedicou-se aos pacientes portadores de fogo selvagem e hanseníase, duas doenças difíceis, graves, tristes, que envolvem trabalhos coletivos, e o seu serviço tornou-se marco no atendimento das pessoas mais desvalidas.

Proença, ao lado de sua dedicação à clínica e ao magistério, graças a sua imensa e inesgotável energia, ingressou na política médica, vocação que vem desde a faculdade – talvez até antes – e hoje podemos falar, sem qualquer exagero, e sem injustiça a quem quer que seja, que Nelson Guimarães Proença está entre os quatro maiores líderes da Medicina Paulista de todos os tempos. Ocupou todos os cargos de importância nas sociedades de classe; entre eles, foi presidente, duas vezes, da Associação Paulista de Medicina, a maior entidade médica da América Latina, e também duas vezes presidiu a

Associação Médica Brasileira, que reúne cerca de 270 mil médicos em todo o território nacional.

À frente dessas entidades poderosas, soube abrir novos caminhos, bem como cultivar os mestres e respeitar as tradições. A sua influência nessas casas foi tanta, que, passados cerca de dez anos de suas últimas gestões, ainda hoje, quando vai visitá-las, é calorosamente recebido, ouvido e respeitado como se fosse o presidente em exercício.

Nelson Guimarães Proença também se dedicou à vida pública, como vereador, e nessa qualidade foi aprovado pela imprensa e considerado uma referência de idoneidade moral na Câmara Municipal de São Paulo, o mesmo paradigma que deixara às entidades médicas que presidiu. Como vereador e médico, começando o atendimento no consultório às 6 horas da manhã, trabalhando mais de 12 horas por dia, preocupou-se diretamente com a saúde da coletividade, desde os cuidados básicos, primários, como, por exemplo, a inclinação negativa das curvas das avenidas e ruas principais de São Paulo, causadora de acidentes graves, até o apoio efetivo às entidades que assistem os portadores de deficiência mental.

Organizando reuniões, promovendo encontros de entidades, apresentou projetos de lei referentes à área social e, dessa maneira, como médico, exerceu o seu mandato de vereador totalmente voltado à melhoria das condições de saúde do povo paulistano, o que permite ao seu eleitor falar de voz cheia: obrigado, Proença. Culminou a vida política como secretário de Estado, da Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do governo do nosso querido médico, dr. Geraldo Alckmin.

Antes de encerrar essa breve homenagem, não poderia deixar de dizer que,



Nelson Guimarães Proença, no dia em que recebeu a Medalha Anchieta

entre as inúmeras honrarias prestadas a Nelson Guimarães Proença, uma delas é a de ser membro-titular da centenária Academia de Medicina de São Paulo, a cujos confrades, aqui presentes, rendo homenagens.

Nós todos esperamos que, passado o calor dessa solenidade maravilhosa, o ilustre professor, médico, político ilibado, reserva moral paulista e brasileira, medite sobre a comenda aqui recebida, para que decida voltar à vida pública, quem sabe a esta Casa que tanto honrou, a uma secretaria, a um ministério. A sociedade carece do seu trabalho e da sua dedicação.

Parabéns, Nelson Guimarães Proença.

Guido Arturo Palomba
é presidente da Academia de
Medicina de São Paulo.
Oração proferida na Câmara
Municipal de São Paulo,
em 7 de junho de 2004

O rio

Huson Hübner França

Minha terra tem um rio
que se chama Ouro.

O Ouro é pequeno
"não sei de onde vem,
não sei para onde vai"

mas é bonito:
tem pedras, corredeira,
remansos de água clara.

Nele,
aprendi a nadar.

Nele,
menino,
pesquei lambaris e carás.

Nele,
somente nele,
vi peixinhos vermelhos e dourados
correndo, livres,
entre pedras e ramagem.
(Pode ser imaginação
mas, eu juro que vi.)

O Ouro é pequeno, já disse.
É menor que o Tejo.

Mas, o Tejo
"não é o rio que corre pela
minha aldeia".

O Ouro sim.
É o rio em que brinquei criança,
rio da meninice,
rio que na velhice
encanta minha lembrança.

ROTINA

Arlido Viana

Trazidos por um fusca azul sem placas, ano indefinido,
chegaram os dois no hospital.

Foram conduzidos diretamente à sala de emergência.
A equipe de enfermagem logo se mobilizou
numa correria organizada.

Na primeira maca, um homem corpulento, alto,
a perna direita para fora, estendida no ar.
O sangue encharcava os cabelos crespos
e coagulado cobria-lhe os olhos, o nariz,
todo o lado direito do rosto.

Não respirava.

A pele exibía uma cor acinzentada,
e, nas extremidades das mãos, era tipicamente cianótica.
Estava imóvel.

Com um chumaço de gaze, os coágulos foram removidos,
a órbita direita apresentava três perfurações regulares,
na pálpebra superior, na inferior
e junto ao ângulo externo das duas.

(Como se o atirador tivesse mirado na pupila
errando por pouco os disparos.)

"Esse está morto", o enfermeiro falou alto.

Foi um aviso, espécie de senha.

Todos se concentraram no segundo,
também alto, porém magro, mais jovem,
com a respiração superficial, que permanecia estático.

Via-se um orifício irregular, no peito, à esquerda
com sangue coagulado ao seu redor.

Palpava-se a bala sob a pele do ombro.

Horizontal na maca, tinha as pálpebras fechadas,
o corpo todo imóvel dava a impressão
de que aguardava conscientemente algum sinal,
mínimo que fosse, que o convencesse da sobrevivência.
Foi quando se queixou baixinho: "...tá doendo..."

O lado direito da cabeça estava coberto de coágulos
que, removidos, revelaram um buraco acima da orelha,
de onde passou a fluir o sangue vermelho rutilante.

O orifício foi imediatamente tamponado.

Pulso, pressão, temperatura,
soro correndo rápido nas veias grossas dos braços,
hematócrito, hemoglobina, tipagem sanguínea.

Radiografias simples de crânio e tórax,
observadas logo após a revelação, demonstraram:
a bala que entrou na região temporal direita
alojou-se posteriormente, na nuca, sem fraturas.
A bala que penetrou através do mamilo esquerdo
estava na frente do úmero, no tecido subcutâneo,
sem ter afetado os órgãos internos do tórax.

O cirurgião estudou as chapas atentamente,
voltou a examinar o baleado
e constatou sua situação favorável.

Falou baixinho, para si mesmo: "Teve sorte, vai viver".

A anestesista ao lado sussurrou:

"...para nos assaltar no próximo plantão".

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto: Alfredo de
Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim
Farina [presidente (in memoriam)]

Carlos Alberto Salvatore /

Antônio Valdemar Tosi /

Marisa Campos M. Amato /

Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano /

João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior

Pinacoteca: Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany

Coordenação Musical:

Dartiu Xavier da Silveira